

Duas exposições, duas coleções e um museu – MAC Niterói

Kátia de Marco

“ a arte se diferencia do pensamento puro porque é material, e das coisas ordinárias porque é pensamento.”

Waldemar Cordeiro

Extraído de artigo publicado na revista “AD”, São Paulo, dezembro de 1956

O Museu de Arte Contemporânea de Niterói abriga duas coleções: a Coleção João Sattamini, formada por aquisições particulares, cedida ao museu por sistema de comodato, e a Coleção MAC Niterói, patrimônio público do município, em processo de constituição a partir de doações de artistas.

A Coleção João Sattamini reúne significativo panorama da arte contemporânea brasileira, com a representação de 187 artistas, em um universo de aproximadamente 1.300 obras datadas a partir do final dos anos 1940 até os dias de hoje. A coleção revela um manancial de possibilidades para abordar e destacar temáticas, artistas e momentos da formação da arte contemporânea brasileira na história da arte recente, em contraponto com a produção artística atual, ilustrada pela nova coleção do próprio museu. A coleção MAC Niterói possui, na atualidade, cerca de 400 obras de destacados artistas contemporâneos brasileiros.

É interessante perceber que uma coleção formada por aquisições é uma construção personalista, pautada por um processo seletivo que amadurece gradativamente, à medida que o tempo solidifica a consciência, individual e pública, de que a própria coleção é uma obra em si. Motivações amplas podem conduzir o caminho do colecionista, passando por diretrizes estéticas, técnicas, de contexto histórico, de disponibilidade econômica ou (por que não?) idiossincráticas, sujeitas a acertos e equívocos, desperdícios e hiatos. Na maioria das vezes, o percurso de uma coleção revela um perfil idealista e determinado de uma pessoa, um artífice da história, como denota o exemplo do empresário João Sattamini, resultante de sua busca persistente e fundamentada em recortar momentos e trajetórias, tempos e expressões da arte brasileira da segunda metade do século XX, sublinhando, de maneira singular, alguns núcleos e artistas em diferentes representatividades.

Sabe-se que a Coleção Sattamini foi “pedra fundamental” para a construção do MAC Niterói, servindo de impulso para o que na verdade seria o primeiro passo de um célebre caminho formado por outra importante “coleção urbana” a céu aberto, que seguiria agregando diversas obras arquitetônicas do arquiteto-escultor, Oscar Niemeyer. O museu ícone de Niterói, inaugurado em 1996, além de abrigar uma das mais importantes coleções da arte brasileira, foi a

primeira obra que Niemeyer viria a projetar, dentre um conjunto fascinante e único de outras que formariam o Caminho Niemeyer, composto pela Praça JK, Teatro Popular, Fundação Oscar Niemeyer, Centro de Memória Fluminense Roberto Silveira, Museu BR do Cinema e um futuro Centro de Convenções, além do MAC e da Estação das Barcas na praia de Charitas. Esse conjunto redesenhou verticalmente pontos do belo litoral da cidade, configurando-se em um complexo que reúne, depois de Brasília, a maior representação pública da arte do laureado arquiteto no mundo.

É interessante destacar que, apesar de o Rio de Janeiro - cidade que abriga importante polo produtor e de exibição, possuir um importante Museu de Arte Moderna (MAM) e o Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), dentre dezenas de outros, não sediava ainda um museu destinado à arte contemporânea.

Pela circunvizinhança, o MAC Niterói vem ocupando esta lacuna, que, junto ao emblema de sua arquitetura exuberante e personalista, propicia uma total simbiose entre natureza e cultura – arquitetura, arte e paisagem circundam-se em numa visão estonteante pelo prédio circular e pelas meias luas das praias avistadas na Baía de Guanabara.

A identificação desse potencial foi uma visão estratégica e privilegiada da prefeitura da cidade, que possibilitou que Niterói atraísse para si a representação do *locus* museológico da arte contemporânea no estado do Rio, ao sediar uma das mais importantes coleções da arte brasileira e o monumental complexo arquitetônico - Caminho Niemeyer, que se encontra em fase final de construção. Essa iniciativa bem-sucedida protagonizou uma cadeia desenvolvimentista na região, desdobrada no aquecimento de diversos segmentos da economia local, possibilitando a inserção do município em esferas nacionais e internacionais do circuito artístico e turístico. De certa maneira, em distintas proporções, poderíamos fazer uma analogia entre esse caso e o acontecido na cidade espanhola de Bilbao, que teve sua dimensão destacada no mapa mundial devido à otimização das potencialidades promovidas pelo Museu Guggenheim.

Quando uma importante coleção particular é captada como acervo de um museu, assume um processo de institucionalização que a reveste de uma nova dimensão pública e simbólica, promovendo uma diluição paulatina da sua autonomia patrimonialista e individual, ao gerar conseqüências socioeconômicas locais em ampla magnitude, como ocorreu em Niterói. É como se a coleção, antes circunscrita ao gerenciamento de seu proprietário, e à consciência determinada de quem segue um destino colecionista, assumisse vida própria, ditada por desdobramentos advindos da relevância de seu acervo, da significação das escolhas contempladas em seu percurso histórico; como se passasse a dever um tributo missionário à

sociedade, configurando-se parte integrante do patrimônio local e mesmo nacional. Ao dar sentido à existência a um museu, esta soma - museu e coleção - agrega valores socioeconômicos que se materializam na geração de emprego e renda, multiplicando-se por meio da dimensão transversal que a cultura crescentemente ocupa, enquanto instrumento eficaz para o desenvolvimento em instâncias diversas e para a melhoria dos índices de qualidade de vida. Isso engloba setores mais diretos, como educação e turismo; ampliando-se para áreas como a construção civil, urbanização, indústria gastronômica, transporte, diversas instâncias do comércio local; e, ainda, atrai investimentos privados de toda ordem e promove melhorias públicas em geral.

Podemos dizer que as duas exposições que acontecem no MAC Niterói cumprem a missão fundamental que todo museu deve exercer ao dar movimento e vida aos acervos de suas coleções, estimular pesquisas e formar conhecimento sobre variadas temáticas afins. “Arte Contemporânea Brasileira – coleções João Sattamini e MAC Niterói” e “Razão em Disputa”, realizam concomitantemente, por meio de curadorias distintas e complementares, visualidades que representam recortes memorialistas da arte, perpetuando historicamente a experiência estética das obras expostas, ao reverberarem a fruição de um determinado universo artístico para gerações hodiernas e futuras.

A primeira exposição é de longa duração e traz ao visitante um significativo panorama de relevantes momentos da história da nossa arte. Não se resumindo a uma fase específica, destaca trajetórias de alguns artistas em especial, registrando de modo ímpar o percurso de suas produções. A exposição é delineada por uma dinâmica linear, em temporalidades nem sempre homogêneas em suas representações, o que reflete a ambiência das décadas, principalmente falando nas rupturas trazidas pela arte abstrata brasileira, no que sublinha posturas inquiridoras ao figurativismo e ao modernismo verde-amarelo, no período pós-guerra.

O texto do catálogo das mostras alude que “o acervo abrange a consolidação da arte abstrata no país nos anos 50 – concretismo, neoconcretismo e abstração informal; a Nova Objetividade Brasileira, que marca a década seguinte; o experimentalismo dos anos 70, no qual a arte mantém sua posição de resistência à ditadura aqui instalada; a retomada da pintura nos anos 80 sob a influência da redemocratização e a produção mais recente, na qual a diversidade de linguagem ganha novo fôlego.”

Dentre as trajetórias individuais dos artistas destacados na coleção, podemos citar Antônio Dias, Lygia Clark, Rubens Gerschman, Raymundo Colares, Ivan Serpa, Aluísio Carvão, Milton Dacosta, além de Sérgio Camargo, Paulo Roberto Leal e Iberê Camargo, presentes na mostra.

A segunda exposição, “Razão em Disputa”, arte concreta na Coleção Sattamini, integrou as comemorações dos 50 anos do Movimento Neoconcreto, juntamente com o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, apresentando um importante núcleo contemplado pela coleção.

A composição da mostra cumpre o papel didático em promover diálogos, analogias e contraposições, que abrem campo para a renovação da potência estética das obras, sintonizando a experiência de fruição a novos públicos, sem deixar de contextualizar a dimensão histórica das impactantes obras expostas.

Essa mostra reflete o contraponto de uma interação tensa entre artistas paulistas e cariocas, e denota aspectos que antecedem e culminam na cisão regional da arte concreta, pautada pela dicotomia entre razão e expressão: a subjetividade liberta do cientificismo e de ideologias do chamado Grupo do Rio opondo-se ao dogmatismo esquemático da abstração geométrica dos paulistas. Em 1959, o grupo reuniu-se no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro para demarcar a diferença diante da arte concreta, fundando o neoconcretismo, traduzido no manifesto incluso no catálogo desta I Exposição Neoconcreta, assinado por Amilcar de Castro, Ferreira Gullar, Franz Weismann, Lígia Clark, Lígia Pape e pelos poetas Reinaldo Jardim e Theon Spanudi.

O embate entre os concretistas paulistas e os neoconcretistas cariocas, foi revelado pelas obras expostas na divergência conceitual e imagética, fruto de rupturas com o rigor racional da neutralidade anímica, preconizada pelos concretistas paulistas, situados na primeira ala da exposição, a distensão carioca, expressa nas dissonâncias das cores, nas formas sem tantas fórmulas e no ritmo mais livre das composições, localizou-se na segunda metade do círculo do salão central do museu.

Diante das primeiras obras, adentramos no universo da arte concreta, com pinturas de Hermelindo Fiaminghi, Lothar Charoux, Judith Lauand entre outros, e algumas poesias emolduradas. Esses artistas foram impactados pelas primeiras bienais de São Paulo, sob a influência do artista suíço Max Bill, protagonizando uma grande guinada na arte nacional. A adesão à arte abstrata, como contraponto ao figurativismo e simbolismo modernista, foi representada na ala carioca por Ivan Serpa, Lygia Clark, Aluísio Carvão e João José da Silva Costa, com obras de uma visualidade mais liberta na forma e na “ mestiçagem” das cores secundárias.

Desafio para a arte exposta no MAC Niterói, a paisagem e a arquitetura não ofuscam as duas exposições. Vibram os três elementos – vista, museu e coleções, na mesma frequência diletante da estética.